

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ESTIGMA EM ALUNOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E A CONSTRUÇÃO DE “MÁSCARAS” PARA A SOBREVIVÊNCIA NA SOCIEDADE LETRADA.

Nilce da Silva¹

O horror à mistura reflete a obsessão de separar
Z. Bauman

RESUMO: O presente artigo é fruto de debates e reflexões do Grupo de pesquisa, ensino e extensão “Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social e Escolar”, criado em outubro de 2002 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Os conceitos de “estigma” e de “representação social”, tal como define E. Goffman, devidamente contextualizados na Sociologia de P. Bourdieu e Z. Bauman, esclarecem o cotidiano dos atores pertinentes a esta trama social. Neste sentido, a autora ainda apresenta duas “máscaras” - a de leitor e a de escritor - elaboradas e usadas por estes atores ao longo de seu trajeto social e escolar, que têm como finalidade a sobrevivência na sociedade paulistana, letrada por excelência, cuja academia responsabiliza-se pela produção e manutenção da crença da superioridade dos valores sociais do universo letrado.

PALAVRAS-CHAVE: estigma; máscaras; sociedade letrada.

Introdução

Este artigo reúne um conjunto de reflexões nascidas nos encontros formais e menos formais, reais e ou virtuais, dos componentes do grupo de pesquisa, extensão e ensino “Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Escolar e Social”. Ao longo deste trabalho, que teve início oficialmente em outubro de 2002, surgiram muitas questões pertinentes à temática do ensino da leitura e da escrita da Língua Portuguesa a lusófonos em situação de pouca escolarização, basicamente migrantes de primeira ou segunda geração.

Dois temas reincidiam e inquietavam sobremaneira professores e estudantes do referido grupo: 1- O “estigma” atribuído aos alunos de EJA. 2- As “diferentes estratégias” utilizadas por estes atores com a finalidade da sobrevivência nas sociedades de acolhimento letradas em que se inseriam.

Sendo assim, clássicos da Sociologia - “O Estigma”, “Prisões. Manicômios e Conventos” e, ainda, “A representação social do eu”, Obras de E. Goffman, foram revisitados; e, por meio deles, foi possível sistematizar as considerações que compõem este artigo.

A produção de bens simbólicos e da crença que estes engendram, de acordo com P. Bourdieu, e aspectos da modernidade líquida, apresentados por Z. Bauman, mostraram-se como sendo recursos necessários e suficientes para a discussão sobre o processo de formação do estigma de alunos de EJA e para a compreensão da necessidade da elaboração de máscaras de sobrevivência na “selva” letrada, especificamente, paulistana.

Finalmente, as relações existentes entre estigma, máscaras e o aprendizado da Língua Portuguesa são também explicitadas.

O conceito de “estigma”

Nos tempos antigos, os gregos criaram o termo “estigma”, o qual significava o conjunto de sinais corporais que se constituíam como indicativos de algo extraordinário sobre o status moral

¹Pós-doutorado na Université Paris-Nord, Profª. Dra. Faculdade de Educação Universidade de São Paulo.
Site: www.projetoacolhendo.ubbi.com.br

de quem os apresentava. Estas marcas corporais eram feitas com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, ou criminoso, ou traidor. Por esta razão oculta, porém, explicitada, a pessoa devia ser evitada, pois se tratava de um ser poluído.

Com o tempo, o termo estigma passou a indicar “depreciação” por parte daquele que o possui em detrimento da supervalorização dos demais.

De acordo com as informações obtidas ao longo da pesquisa¹ que realizamos, por meio de observações sistemáticas em escolas de Educação de Jovens e Adultos, tratamos de fazer uma lista das marcas corporais “feitas” em alunos de EJA ao longo do processo social, aliadas aos bens simbólicos que portam consigo. Ressaltamos que esta construção é “ideal”, no sentido weberiano da palavra, e que foi feita com o maior distanciamento, e, portanto, estranhamento, possível. Obtivemos: Cabelos sem corte definido; pele morena; cabelo crespo; sapatos, sandálias ou chinelos de plástico, pano ou similares; cabelos femininos tingidos ou em vias de tingimento, danificados; bijouterias ou a não existência de ornamento com metais ou pedras preciosas; pintura inexistente nas unhas masculinas; roupas de algodão, tergal, poliéster ou similares; roupas bastante usadas; falta de dentes, dentes em má conservação, próteses dentárias em desalinho; óculos inadequados ou a falta de óculos mesmo quando a pessoa necessita deles; pasta de plástico, sacola ou saco plástico para transporte do material escolar; estojo de pano; cadernos “universitários”; pele marcada pelo tempo; mãos ásperas; unhas com resíduos de produtos manuseados no trabalho; odor a suor ou a cosméticos de baixo preço no mercado; cadernos com folhas, capas...com sinais de gordura; sacos plásticos com banana, sanduíche; rachaduras nos pés; falta de livros no conjunto do material escolar que portam ou, ainda que raramente, existência de livros de auto-ajuda junto com o material escolar.

Do nosso ponto de vista, estes “sinais”, em conjunto, formam o espectro do estigma que acompanha estas pessoas em sua vida social e escolar; e, forçosamente, tal estigma reitera a exclusão social e escolar dos alunos de EJA.

O processo de formação do estigma de alunos de EJA

Diferentemente de muitos dos sinais feitos em rituais com o objetivo de estigmatizar um ladrão, por exemplo, ao cortar-lhe uma das mãos, os sinais que aqui levantamos são tecidos ao longo da vida em sociedade destes sujeitos.

Tal carreira moral de estigmatizado inicia-se praticamente no momento da concepção destes sujeitos, tendo em vista que, já neste momento, o meio ambiente faz-se presente. Assim, uma criança negra, pobre, filha de pais excluídos socialmente (com carência alimentar, com falta de assistência médica etc), terá maior probabilidade de receber o estigma aqui em discussão.

Desta forma, os alunos de EJA, de um modo geral, com o estigma em particular apresentado, tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição. Além disto, todos eles, de uma maneira ou de outra, devem ajustar as suas idiossincrasias à esta carreira moral que lhes é imposta.

Segundo Goffman, a carreira moral compõe-se de diferentes fases: A - A pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa possuir um estigma particular. B - A pessoa aprende que tem um estigma particular. C - Ela aprende que possui um estigma particular e conhece detalhadamente as conseqüências de possuí-lo. Entendemos que essas fases não ocorrem com a mesma velocidade para cada um dos alunos de EJA. O desenvolver das mesmas depende substancialmente do contato direto com a sociedade letrada; momento este da migração, em boa parte dos casos, e, mais especificamente, da entrada

¹Referimo-nos à pesquisa que realizamos em nível de doutoramento (1998-2001), de pós-doutoramento (2002) e no âmbito do Projeto Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social e Escolar (desde outubro de 2002).

na escola.

Sendo assim, a entrada na escola abre possibilidades para a saída do encapsulamento de proteção em que um indivíduo se encontra protegido pela família, e a fase C descrita acima é imposta brutalmente.

Estes alunos percebem-se, então, como desacreditáveis ou desacreditados totalmente. Por sua vez, a sociedade letrada possui todos os mecanismos latentes para, rapidamente, executar o ritual de passagem do desacreditável para o desacreditado. Esta forma de genocídio é um exercício de engenharia social racional de produção por meios artificiais de desqualificação das pessoas, servindo-se da racionalidade científica da academia, responsável pela produção e pela manutenção da crença da superioridade dos valores sociais do universo letrado.

Desta maneira, a aprendizagem das primeiras letras tem um entorno de grande pressão social que definirá o status do sujeito em questão e, aliado ao esforço necessário ao aprendizado da língua escrita, o aluno de EJA questiona-se sobre como ele se apresentará em sociedade. Dito de outro modo, estas pessoas perguntam-se: Exibo socialmente que não domino a leitura e a escrita? Revelo esta situação para os demais? Escondo-a? Minto sobre o fato? Para quem? Como?

Uma das maneiras encontradas pelos alunos de EJA para responder a essas questões é a utilização de máscaras sociais letradas em determinados ambientes, inclusive a escola. Sobre esta dissimulação, discorreremos em seguida.

Máscaras da sobrevivência na sociedade letrada

As máscaras sugerem representações sociais. No caso das sociedades letradas, categorizamos estas atuações em dois tipos:

- 1- A máscara de leitor
- 2- A máscara do escritor

Os sujeitos desta nossa pesquisa, muitas vezes, utilizavam estas construções para a sobrevivência na selva das letras. Fazemos abaixo uma descrição das mesmas:

1. Máscara de leitor: Sujeito com óculos, portando livros, revistas e, especialmente, jornais. Exemplo: O aluno de EJA, em um ônibus, abre o jornal, coloca seus óculos, abre um jornal, dirige seu olhar para as páginas do mesmo e faz movimentos com os olhos da esquerda para a direita no material escrito.
2. Máscara de escritor: Sujeitos com óculos, portadores de canetas, especialmente na bolsa da camisa ou em lugar de fácil acesso, com estojo. Exemplo: Aluna de EJA, com caneta na mão, óculos, encena preenchimento de palavras cruzadas em livro de passa-tempo.

Os sujeitos desta pesquisa que representavam com o auxílio destas máscaras pretendiam diminuir a angústia que a sua situação pessoal lhes causava em sociedade. Ou, dito de outro modo, esforçavam-se para corrigir uma situação na crença de que, ao utilizarem estes símbolos de prestígio na sociedade letrada, ou ainda desidentificadores de pouca ou nenhuma escolarização, encobertariam o seu estigma nesta sociedade.

Estas máscaras são usadas, com melhor ou pior performance, na tentativa de a pessoa que se encontra em situação de estigmatizado saber que aquilo que ele fala pode se tornar capital simbólico, legitimamente reconhecido por nossa sociedade.

Considerações finais

Provavelmente, jovens e adultos em situação de pouca escolarização não se livrarão do peso do seu estigma enquanto existirem pessoas na mesma situação. O aluno que tenta escapar

sozinho desta situação percebe-se presa em uma situação ambivalente: Caso abra mão de suas origens, de seu círculo social mais íntimo, são acusados de negligenciar o seu dever, a sua herança cultural. Por outro lado, se ele pretende elevar o status de outras pessoas da sua intimidade que se encontram em situação de pouca ou nenhuma escolarização, continuará a pertencer a esta categoria de pessoas. Em suma, nas duas opções não será aceito pelo grupo dos não estigmatizados e poderá se tornar um estranho em seu grupo social de origem. A situação de perdedor é permanente.

Manter o estranho a uma distância mental, “encerrando-o” numa concha de exotismo, não é, contudo, suficiente para neutralizar sua inerente e perigosa incongruência. Afinal ele continua por perto. Um momento de desatenção e o intercâmbio pode transbordar os limites permitidos. Assim, os estranhos continuam sendo os ‘pegajosos’ permanentes, sempre ameaçando eliminar as fronteiras vitais à identidade nacional. O perigo deve ser assinalado, os nativos devem ser advertidos e mantidos em alerta para não sucumbirem à tentação de comprometer os caminhos separados que fazem deles o que são. Isso pode ser conseguido desacreditando-se o estranho, representando suas características exteriores, visíveis e fáceis de identificar... como sinais de qualidades ocultas e por essa razão ainda mais abomináveis e perigosas (BAUMAN, 1999, pp. 76 e 77).

Em suma, os alunos de Educação de Jovens e Adultos do âmbito desta pesquisa são portadores de um estigma conveniente para os demais membros da sociedade letrada paulistana na medida em que este se constitui como arma conveniente na defesa contra a inoportuna ambigüidade do estranho. Ou seja, a essência do estigma é enfatizar a diferença que está em princípio irremediavelmente reparada, o que justifica, portanto, uma permanente exclusão.

Nas palavras de H. Freeman e G. Kasenbaum, citados por Goffman:

A existência de um sistema de valores freqüentes entre estas pessoas é evidenciado pelo caráter comunitário do comportamento dos analfâbetos entre si. Eles não só passam de indivíduos inexpressivos e confusos, como freqüentemente aparecem na sociedade mais ampla, a pessoas expressivas e inteligentes dentro de seu próprio grupo mas, além disso, expressam-se em termos institucionais. Têm, entre si, um universo de respostas. Formam e reconhecem símbolos de prestígio e desonra; avaliam situações relevantes em termos de suas próprias normas e seu próprio idioma e, em suas relações mútuas, deixam cair a máscara de ajuste acomodativo (“The Illiterate in América”, Social Forces, XXXIV, 1956, p. 274. p. 29.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A Produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Ed. Zouk, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.